

FRONTEIRAS DISSOLVIDAS:

a experiência como mergulho na maleabilidade de um corpo-coletivo

Stela Soares Kubiaki¹
Gabriela da Costa Gomes²
Carolina Corrêa Rochefort³

Resumo

A presente escrita parte da experiência realizada no ZIGOTO: Seminário de Experimentações Poéticoeducativas⁴ vinculado ao projeto Patafísica: mediadores do imaginário⁵ - PREC/UFPel. O relato se estende por um pensamento em torno do corpo-coletivo, conceito chave para o fenômeno observado. Numa espécie de elo, a corda é elemento determinante do convívio com o outro, e a paisagem é uma especulação entre dentro e fora. A escrita vai em direção a uma fronteira dissolvida, onde o caminhar plural possibilita a distensão do sujeito e de seu entorno. Durante aproximadamente 18km, a experiência proporcionou uma série de possibilidades de significação, desde as relações de uma possível meditação cinética, até a prática de um território plural compartilhado - a paisagem como pretexto para o encontro com o impossível. Qual a relação que o corpo estabelece quando se entrega para a experiência compartilhada? Dessa questão, a escrita busca recuperar nuances que tangenciam o percurso experienciado.

Palavras-chave: experiência, fronteira, corpo-coletivo.

Abstract

The present research is based on an experiment carried out within the Seminar of Poetic and Educational Experiments linked to the Pataphysics extension project: mediators of the imaginary. In this way, the account extends through a thought around the collective body, a key concept for the phenomenon observed during the experience. In a kind of link, the rope is the determining element of the conviviality with the other and the landscape a speculation between the inside and the outside. In this sense, the research goes towards a dissolved frontier, where the plural walk makes possible the distension of the subject and its surroundings. For approximately 18km, the walking experience provided a range of possibilities for meaning, from the simplest relationships of possible kinetic meditation to the possibility of a shared plural territory - the landscape as a pretext for encountering the impossible. What is the relation that the body establishes when giving itself to the shared experience? From this question, the research seeks to briefly recover the nuances that touch the experience.

Keywords: experience, border, collective-body.

1 Acadêmica de bacharelado em artes visuais pela Universidade Federal de Pelotas.

2 Acadêmica de bacharelado em artes visuais pela Universidade Federal de Pelotas.

3 Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV - IA - UFRGS (2010). Especialista em Poéticas Visuais pela Universidade FEEVALE (2008), possui graduação no Curso de Artes Visuais Bacharelado em Gravura pela Universidade Federal de Pelotas (2005).

4 Organizado pelo Grupo Patafísica: mediadores do imaginário – o Zigoto trata-se de um Seminário de Experimentações Poéticoeducativas dividido em quatro encontros com propostas ou proposições a partir de abordagem poética e educativa.

5 O grupo Patafísica: mediadores do imaginário é um projeto de extensão que se desdobra em pesquisa e ensino do Centro de Artes da UFPel. É formado por mediadores, alunos dos cursos do CA/UFPel e a coordenadora/professora Carolina Rochefort. Seguem endereços na rede e contato via email: mpatafisica@live.com - Facebook: <http://www.facebook.com/PatafísicaMediadoresDoImaginario>.

Acordando um começo

Da incisão do corpo na paisagem, o trabalho discorre sobre a experiência coletiva na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Mediados por uma corda, ou cabo náutico, o grupo percorre cerca de 18km atrelado a um objeto do contexto litorâneo. Desse movimento é possível pensar o transbordamento do corpo a partir do convívio coletivo com a corda, com a paisagem e com a fronteira – *um corpo-coletivo*. Nesse sentido, a escrita parte da prática acerca da proposição experienciada, com o intuito de investigar essas articulações a partir de um relato poético e corpóreo.

Parece que tudo se faz de uma força indizível

A experiência acontece, atravessa os corpos, e, quando dizemos dela já não é mais acontecimento, é um outro tempo. Partimos da frase de Gaston Bachelard “o homem para a água é um ser em vertigem” antes de ingressar na experiência de caminhada coletiva.

O começo da caminhada. Um ponto da praia de extensão infinita para os olhos que buscavam seu fim. Chegamos em grupo e também solitários. Talvez a paisagem imensa, em linha de horizonte-vertigem, mareasse a vista e o corpo que, por vezes, encontrava um ritmo, um acordo pelo *corpo-coletivo* que caminhava.

De alguma forma a praia ressoava em nossas relações enquanto ser coletivo. O vento, a luz, o som, os cheiros atravessavam cada corpo e os corpos acordados. E ressoávamos de volta para um encontro silencioso. A paisagem estava diante e dentro, como se pudéssemos respirá-la. E esse dentro e fora não enquanto sujeito, mas individuação, essa zona confusa dos processos de subjetivação. O momento de um novo surgimento do ser, numa espécie de desconstrução da consciência total de todas as coisas, menos simultâneo a si próprio. Um estado de total atenção.

Nesses instantes, o indivíduo sujeitado naufragou no mar. E enquanto unidade transdutora, além-unidade, além-individualidade, deformou-se ao vento que soprava lateralmente. Alterávamos o caminhar com a corda. Nos rearranjávamos, nos reavaliávamos enquanto grupo.

Acreditamos que existia uma espécie de perda, tanto daquilo que pensávamos ser a paisagem, quanto das referências geográficas básicas - horizontal, vertical. A massa coletiva que guia o todo, nos parecia outra dimensão, numa incomensurável *fundura*⁶. As lembranças, sensações e pensamentos nos povoavam solitários. De alguma forma, o elo entre nós estava no silêncio, nas perdas, nas palavras não ditas. Na experiência coletiva de estar presente.

A corda movediça: parte de uma natureza inconstante

Objeto construído em farpas, linha à linha, situado para o mar como arraste, como meio para colheita e aparelhamento de embarcações. Com o comprimento de 15

6 A esse termo, que estabelece relações com a medida da superfície de um lago até sua profundidade, aqui está em situação de impossibilidade. Assim, encontramos um aspecto da profundidade de nós mesmos em função de uma paisagem incomensurável. Esse aspecto advém das reflexões do grupo de Pesquisa: Estudo sobre a profundidade (UFPel), coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. Uma pesquisa de ordem prático-reflexiva que se coloca através da imersão, da sobreposição e da distância que tem por objetivo a produção de trabalhos plásticos dentro desta perspectiva, bem como o atravessamento desse tema com outras visualidades e sentidos, a partir de obras não só do campo das artes plásticas, mas também, da literatura e do cinema.

corpos enfileirados medindo em torno de 15 a 18 metros de extensão, retorna ao seu habitat em contexto ressignificado através de uma experiência de outra ordem. A corda dissolvida, agora acolhe e resgata corpos disponíveis ao mergulho. Faz parte do *corpo-coletivo*, tem ritmo, volume e profundidade estabelecendo um território.

Se for preciso, tomarei meu território em meu próprio corpo, territorializo meu corpo: a casa da tartaruga, o eremitério do crustáceo, mas também todas as tatuagens que fazem do corpo um território. A distância crítica não é uma medida, é um ritmo. Mas, justamente, o ritmo é tomado num devir que leva consigo as distâncias entre personagens, para fazer delas personagens rítmicos, eles próprios mais ou menos distantes, mais ou menos combináveis (intervalos) (DELEUZE; GUATARRI; 2012, p.135).

A corda - esse elemento de ligação, ora ponte, ora paisagem – que acorda e permeia os corpos também espaça certo território entre nós. Como compasso, entre passos sincronizados a corda dita a segurança e a atenção. A corda acorda, mantém alerta, promove diálogo. Desse modo, um percurso traçado pelo acontecimento, estabelece relações com o corpo completamente diferentes do que se houvesse previsão, referência ou planejamento absoluto do processo. Existe aí uma entrega, que está para o mar, para o outro, para os acordos forjados entre os pés e a planificação da areia. Todo o resto é miragem, do horizonte ao pensamento.



Por vezes, os rostos baixos devido à luz e ao peso nos ombros, erguiam-se na tentativa de avistar o outro, a paisagem, a maresia. De alguma forma era tudo deveras indeterminante. O tempo em sua presença crua fazia de nós absolutos passageiros entrecruzando alinhadamente sua estrutura maleável. A areia fina pesava sobre as pálpebras e ricocheteava sobre a superfície do rosto, a água encontrava meios de ressoar nossa respiração conjuntamente, o sol, iluminando excessivamente a areia branca, doía os olhos e trazia alento para o frio que sentíamos. Nos entregamos para o tempo, doamos toda e qualquer razão em troca da experiência de um acordo velado em negar qualquer objetivo em frente.

Desse entrelaçamento sem nós, está previamente traçado um percurso mediado pela corda que dialoga a partir de movimentos corpóreos, como uma maresia disposta sobre os ombros. Depositada superficialmente na corda, a areia corre para dentro dos olhos desse corpo disposto – à medida que o vento corta - mas isso não impede

e nem justifica paradas bruscas ou descontentamento. A entrega com a corda também está em aceitar novos limites e novos horizontes colocados também pela insistência ao contato íntimo com o objeto.



Figura 2 – 4º Encontro Zigoto: Seminário de experimentações poéticoeducativas – Atravessar a linha para destecer fronteiras – Chui/RS – 2018 - Registro de Felipe Campal

Acordos: no ritmo da água-movente

Estávamos ali de passagem - de alguma maneira o começo se apresenta como se estivesse combinado, estando todos suscetíveis às surpresas e expectativas do caminho - de fato era a nossa primeira vez. Existia um destino conhecido por poucos e assim caminhávamos juntos e em intervalos confiando em si e nos outros, a partir de um estado de disposição desse novo corpo.

O horizonte tornava-se reta dura e distorcida pela correnteza do mar, contemplávamos então as pequenas nuvens que se desprendiam da água e deslizavam sobre a areia até se desfazerem, voláteis. Ventava o frio na pele, na barriga e na espinha, nada era premeditado. Parece então, que a água submete tudo a sua própria cadência.

Entre mar e dunas, acordávamos as paradas, depositávamos a corda no chão e seguíamos em direção a areia que escorria por entre os dedos, fina e absorvente das ondas solares - aquecia nossos corpos, em uma espécie de aconchego movediço onde afundávamos as mãos, deitávamos, nos aproximávamos do calor. Em alguns momentos a areia torna-se lama, a lama torna-se barro e o barro torna-se pedra. A aproximação com processos naturais nos trazia a vida e sua capacidade de transmutação, era como entender vários estágios do tempo, uma superposição.

Essa extensão coletiva dos corpos no espaço nos permitiu experimentar maneiras diversas de caminhar enquanto *corpo-coletivo*. De início seguimos enfileirados um atrás do outro, o primeiro enxergava imensidão e o último compreendia toda a extensão coletiva, cada sujeito contemplava o trajeto de uma maneira singular. Não nos entreolhávamos, de costas uns para os outros, seguíamos como em uma marcha. Desse acontecimento fomos apreendendo os efeitos, as razões, os sentidos da experimentação que vivenciamos juntos. Éramos então, um coletivo de singularidades compreendendo que experimentação, portanto, nada mais é do que aprender a criar esses mundos outros, “a partir dos encontros com signos diversos, e seria uma propriedade característica do

fazer artístico arte, mais especificamente” (VINCI. 2018, p.328).

E para o artístico, a vida em si permite novas configurações quando estamos dispostos a reinventar o fazer. “A vida é amiga da arte. É a parte que o sol me ensinou” (VELOSO, 1978). Sob esse ponto de vista, nos permitimos durante o percurso mudar a maneira como caminhávamos juntos, até chegarmos no momento em que todos estávamos lado a lado, perpendiculares e parelhos uns com os outros. Reconfigurando nosso ritmo e tornando nossa percepção mais consonante, todos poderiam olhar a imensidão, ao mesmo tempo que era possível que nos observássemos. Aproximando a uma percepção mais sensível do todo e das partes.



Figura 3 – 4º Encontro Zigoto: Seminário de experimentações poéticoeducacionais – Atravessar a linha para destecer fronteiras – Chui/RS - 2018 - Registro de Carolina Rochefort

Acordamos: uma meditação cinética

Sol é luz que não esquenta perante o movimento enérgico do vento e diante do mar. Seguíamos em um ritmo coletivo e essas forças invisíveis nos direcionavam e nos conduziam ao limite do corpo. Acontece uma ligação sutil quando em Maresia, (2017) ação da artista Martha Gofre, pensa ‘extensão e transbordamento’ fazendo um percurso com uma trança presa a si mesma, para compreender as limitações desse corpo em ação, onde o:

[...] sujeito que é colocado à prova, que atravessa uma paisagem, mas que também é atravessado por ela. Um sujeito que, através da extensão que lhe é acrescentada, passa a compreender melhor a dinâmica limitada de seu corpo.[...] O deslocamento feito por esse corpo é completamente modificado pelo objeto associado a ele, uma extensão pesada e bastante longa que põe tudo em relação: o corpo e sua velocidade, a trança e as distâncias que ela ajuda a balizar. Os ritmos e as proporções são revistos nessa situação de cumplicidade entre o sujeito, o objeto e a paisagem (GOFRE. 2016, p.10 v.1).

Diferente do trabalho de Martha, éramos um coletivo e esse fato provoca uma dilatação desses limites, pois de alguma maneira, esse *corpo-coletivo* se auto nutria através do ritmo, das trocas. A primeira pessoa carregava a corda e de alguma maneira apontava as direções, os ritmos; então todas as outras acordavam e consentiam que fosse

possível realizar o percurso. Todos dividimos um peso e isso evocava um pensar no outro, fazer pelo outro. Uma força motriz.

Carregar a corda era uma escolha, muitas dispersões aconteceram durante o percurso, alguns momentos de revezamentos, mas esta atava em nós. De alguma maneira, assim como a reflexão de Richard Serra ‘sobre o que não é leve’, entendemos que “tudo que escolhemos na vida pela leveza logo revela seu insuportável peso” (SERRA, 2014), evocando uma responsabilidade mental que conecta a todos. Neste acordo de caminhada, nos colocando então nesses pequenos intervalos para equilibrar o peso.

Caminhávamos, imersos em nós mesmos atravessados pelos sons, pelo mar e pela claridade estridente. Era como estar em um limbo, um lugar fora do tempo. Em ‘Acerca do Ritornelo’ Deleuze e Guattari discorrem sobre o *Território*, “que não é um



Figura 4 – Martha Gomes de Freitas. Maresia, 2007.



Figura 5 – 4º Encontro Zigoto: Seminário de experimentações poéticoeducacionais – Atravessar a linha para destecer fronteiras – Chui/RS - 2018 - Registro de Carolina Rochefort

meio, nem mesmo um meio a mais, nem um ritmo ou passagem entre meios. O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’” (2012, p.127). Logo, essas inter-relações em um espaço de incertezas que desdobram-se na ação coletiva da caminhada, acontecem neste ato em que mesmo existindo uma direção e um destino, ainda assim, parece repetir-se nesse horizonte desértico uma imagem quase estática - como um limbo caminhando em busca de alguma “desterritorialização” (DELEUZE E GUATTARI, 2012), em busca da passagem e não do pertencimento.

Essa meditação cinética aproxima-se então de *ritornelo*⁷, na medida em que a mudança brusca no sentido de caminhar, produz através da experiência ressignificações deste ato cotidiano. Produzindo pequenas transformações, que nos atravessam, essas vivências coletivas capilarizam em nossos corpos multiplicidades e afetações que são capazes de incitar o surgimento ou o acordar de outros ‘eus’.



Um corpo-coletivo quando corre os olhos no mar

Vi que as nuvens se desprendem do mar e flutuam sobre a areia até se desfazerem, voláteis.

Aparelhamento. Alimento.

Surpresa, expectativa. Frio na pele, na barriga e na espinha.

Uma meditação cinética.

As nuvens deslizam na borda movente entra a água e a areia.

Uma meditação cinética.

⁷ “Ele se expõe em duas tríades ligeiramente distintas. Primeira tríade: 1. Procurar alcançar o território, para conjurar o caos; 2. Traçar e habitar o território que filtre o caos; 3. Lançar-se fora do território ou se desterritorializar rumo a um cosmo que se distingue do caos (MP, 368 e 382-3; P, 200-1) Segunda tríade: 1. Procurar um território; 2. Partir ou se desterritorializar; 3. Retornar ou se reterritorializar (QPh, 66).” (ZOURABICHVILI. 2004, p.50).

Parece então, que a água submete tudo a sua própria cadência.

Toco as nuvens com o pé, às acaricio como se pudesse tocar o tempo.

Caminhávamos juntos, como água-movente, no ritmo constante e no silêncio consonante.

Pausas, paradas, a areia escorre por entre os dedos, me aqueço, me afundo.

A areia torna-se lama. A lama torna-se barro. O barro torna-se pedra.

Uma meditação cinética.

O mar modifica a paisagem e devolve o que não é do mar.

Caminhávamos juntos e à distância.

Movediça: parte de uma natureza inconstante.

Às vezes a corda amalgama e noutras distancia, joga os corpos na margem entre água e das dunas.

Uma meditação cinética.

Terceira margem, distendida.

Três horizontes.

O vento ressoa atenção, a água se quebra em interrupções.

Ofegante respira céu e suspira mar.

O céu toca a água que reflete o céu. Toca as nuvens.

Paisagens etéreas. Dunas-casas. Casas-maravilhas.

Quando se chega num ponto, se estende até outra margem.

O farol que demora. A vista o alcança. É um ponto que dança entre a água e o vento.

Uma meditação cinética.

Chegando em algum ponto

Partindo de um embate na paisagem com a mediação do objeto, revisitamos o corpo, descobrindo através da experiência o que ele é capaz de fazer, de intuir por si mesmo. Nessa articulação, deu-se o encontro suspenso no tempo distendido em função do alargamento das fronteiras entre nós, a corda, a paisagem e os dois países. E dessa fissura, a potência para o novo que está imbricado nas relações com o corpo de si, o corpo dos outros, o corpo objeto, o corpo indeterminante das massas de luz e cor da paisagem compõe um estado de atenção coletiva em função do entorno.

O que poderia estar disposto somente na experiência dos músculos, dos ossos e dos olhos, está situado na persistência, na emoção, no silêncio, na continuidade, na profundidade das relações. O elo - a corda entre nós, que poderia ter sido revezada ou deixada de lado – foi assumida pelo *corpo-coletivo* como parte integrante de si. Questiono qual o nome desse movimento? Dito anteriormente como força motriz, agora me pergunto o que alavanca essa força?

Essa disposição em estar presente sela acordos velados no olhar, no entendimento de si enquanto parte de algo maior. Tanto como *corpo-coletivo*, quanto paisagem. Muitas das questões não reveladas estão disponíveis no *devir* da experimentação, naquele instante do acontecimento. Ali, naquele momento. Na possibilidade de pensar

sobre a disposição do *corpo-coletivo*, suponho que a fronteira dissolvida insinua a maleabilidade dos contornos, deformando essas fronteiras para um mergulho silencioso nas percepções de sua medida.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Acerca do Retorno*. Mil Platôs, vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

FERRACINI, Renato. *Fronteiras, paradoxos e micropercepções*. In: Karin Thrall e Adriana Vaz Ramos. (Org.). *Artes Cênicas sem fronteira*. 01 ed. Guararema/SP: Anadarco editora, 2007, v. 1, p. 07-134.

FREITAS, Martha Gomes de. *Notas sobre o deserto: extensão e transbordamento como articuladores espaço-temporais*. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148962>> Acessado em 04/2019.

SERRA, Richard. *Peso*. Richard Serra – Escritos e Entrevistas (1967-2013). Editora IMS. Rio de Janeiro, 2014.

VELOSO, Caetano. *Força Estranha*. Rio de Janeiro: Columbia Records. 1978. LP (3:49)

VINCI, Christian F. *O conceito de Experimentação na filosofia de Gilles Deleuze*. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2018.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2004.